



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

*O QUE É DITO E ESPERADO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA SAÚDE
PÚBLICA? – UM ESTUDO A PARTIR DA REVISTA RADIS*

Fernanda Ramires da Silva¹
Méri Rosane Santos da Silva²

RESUMO: O presente estudo traz a análise de enunciações produzidas por uma Revista de Saúde Pública, Revista Radis, onde busco verificar de que maneira essas publicações compreendem e anunciam como ação da Educação Física. Para realização desta pesquisa, utilizo como ferramenta metodológica a análise de enunciações, a partir da perspectiva foucaultiana. Tendo analisado 12 números, no período de um ano, deparei-me com dois enunciados que considereei como cerne do estudo: o sedentarismo e inserção do “educador físico” nas políticas públicas de saúde. Tais enunciados foram denotados como foco do estudo, uma vez que as enunciações referem-se ao “educador físico” como protagonista.

Palavras-chave: Saúde Pública. Educação Física. Radis.

*WHAT IS EXPECTED AND SAID ABOUT PHYSICAL EDUCATION IN PUBLIC
HEALTH? – A STUDY FROM THE MAGAZINE RADIS*

ABSTRACT: This study presents the analysis of produced utterances in a publication of Public Health, Radis Magazine, where I try to verify how these publications understand and announce the action of physical education. For this research, I use as methodological tool to analyze utterances from the Foucaultian perspective. Having analyzed 12 numbers in one year, I came across with two statements that I considered as the core of the study: sedentary lifestyle and the insertion of “physical educator” in public health policies. These statements have been denoted as the focus of the study, in which utterances refer to “physical educator” as the protagonist.

Keywords: Public Health. Physical Education. Radis.

*¿QUÉ SE ESPERA DE DICHA Y LA EDUCACIÓN FÍSICA EM LA SALUD
PÚBLICA? – UM ESTUDIO DE LA REVISTA RADIS*

RESUMEN: Este estudio presenta el análisis de las enunciaci3n producidas en una publicaci3n de Salud P3blica, Revista Radis, donde se intenta verificar c3mo estas publicaciones se encuentran y anuncia la acci3n de la educaci3n f3sica. Para esta investigaci3n, que uso como una herramienta metodol3gica para analizar las enunciaci3n en la perspectiva foucaultiana. Despu3s de haber analizado 12

¹ Possui graduaci3n no curso de Educa3n F3sica Licenciatura, pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Atualmente 3 graduanda do curso de Nutric3n pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: fernandaramiresdasilva@hotmail.com

² Possui graduaci3n em Educa3n F3sica pela UFPel, mestrado e doutorado em Ci3ncias do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente 3 professora titular da FURG, e professora dos Programas de P3s-Gradua3n em Educa3n Ambiental (FURG) e Educa3n em Ci3ncia: qu3mica da vida e sa3de (UFRGS). Bem como do Programa de Resid3ncia Multiprofissional em Sa3de da Fam3lia. E-mail: meri.rosane@hotmail.com



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

***O QUE É DITO E ESPERADO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA SAÚDE
PÚBLICA? – UM ESTUDO A PARTIR DA REVISTA RADIS***

números en un año, me encuentre con dos declaraciones que yo consideraba como el núcleo de estudio: estilo de vida sedentario y la inserción de “profesor de educación física” en las políticas de salud pública. Estas declaraciones se han designado como el foco de estudio, en el que las expresiones se refieren a “profesor de educación física”, como el protagonista.

Palabras clave: Salud Pública. Educación Física. Radis.

PRIMEIROS MOVIMENTOS DE PESQUISA

Sempre me foi muito certa, desprovida de questionamentos e problematizações, a questão de a saúde se fundamentar nas mais diversas áreas do saber, sendo, então, objeto dos mais diversos conhecimentos, entre eles os da Educação Física, que em minha concepção tinham muito arraigado em suas bases o campo da saúde. Porém, tudo ainda era muito vago, apenas “era porque era”, sem refletir a quais demandas viriam abancar à saúde.

No meu processo de formação, realizando uma atividade em sala de aula, trabalhamos com a revista Radis. Aquele material me envolveu, uma publicação que traz em seu conteúdo, dentre várias matérias, muitos artigos de caráter científico e que se pauta por um projeto editorial totalmente midiático, jornalístico.

Através de inquietações que foram emergindo busquei, então, compreender ações e processos que inserem a Educação Física como área de intervenção na saúde pública. Foi assim que cheguei ao Projeto de Lei N.º 1.266-B de 2007, proposto pela Deputada Sueli Vidigal, que visa “altera o *caput* do art. 3º da Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, incluindo a atividade física como fator determinante e condicionante da saúde, e dá outras providências”.

Através desta, mais questionamentos e desconfianças insurgiam quanto à relação da Saúde Pública com a Educação Física, ou seja, sua ligação, seu vínculo, sua atuação se dá apenas pela atividade física? Atividade física está atrelada diretamente e especificamente à Educação Física? Quando se pensa a Educação Física na Saúde Pública, a partir de uma publicação como a Radis vertentes como sociais, culturais e econômicas são ponderadas?



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*O QUE É DITO E ESPERADO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA SAÚDE
PÚBLICA? – UM ESTUDO A PARTIR DA REVISTA RADIS*

Assim como retrata Palma (2001, p. 24), “tratar de saúde é, em última instância, compreender as tramas sociais que se desenrolam nos projetos e políticas públicas”. Neste sentido, dedicar-se a estudar saúde, significa debater a relevância de disponibilizar recursos e fornecimento de bens e serviços públicos, pois, citando novamente Palma (2001, p. 24), “a compreensão mais atual, dentro do campo da Saúde Pública, do que seja saúde, já vem incorporando estas influências socioeconômicas”.

Foi por meio das inquietações anteriormente denotadas, e a necessidade de compreender as demandas que me cercam, é que nasce esta pesquisa, sendo este artigo um recortada minha monografia.

Para melhor pensar meu estudo delimito duas demandas, das quais denomino como ‘questões norteadoras’, que me fizeram pensar e problematizar esta pesquisa: Como as produções científicas e informativas sobre Saúde Pública, mais especificamente as da Revista Radis, compreendem a ação da Educação Física? De que maneira essas publicações posicionam a Educação Física nas Políticas Públicas de Saúde desenvolvidas no Brasil?

Apresento como tema para este trabalho, então, a análise das enunciações presentes em uma Revista de Saúde Pública sobre a Educação Física, mais especificamente a Radis, em que busco verificar de que maneira essas publicações compreendem e anunciam como ação da Educação Física na saúde pública. Esta pesquisa se deu durante o período de um ano de publicação, de junho de 2010 a maio de 2011, resultando na análise de 12 revistas.

A revista Radis é uma publicação do Programa Radis³ (Reunião Análise e Difusão de Informações sobre Saúde), que é um Programa Nacional do qual se distingue por possuir um caráter jornalístico em saúde pública. Tal programa é advindo

³O Programa possui um sítio virtual (www.ensp.fiocruz.br/radis), no qual encontramos todas as atividades e material produzido pela revista, assim como notícias de eventos e outros acontecimentos lançados ou acompanhados pela Radis. Neste espaço, encontramos também todo um registro da história deste Programa, em que nota ter sido criado em 1982 e tendo por 20 anos produzindo as revistas: *Súmula, Tema e Dados*. Ainda, de 86 a 93, foi publicado *Proposta – Jornal de Reforma Sanitária*, que em 94 foi renomeado para *Jornal Radis*. Em agosto de 2002, como consta no sítio virtual, visando substituir todas as publicações anteriormente descritas, o Programa lançou a *Revista Radis*, considerada hoje como seu “carro-chefe”, assim como é descrito em seu sítio virtual, diante do processo de informação e comunicação. Ainda, a revista assume os perfis das publicações anteriores. Seu conteúdo visa promover informações em ascensão, qualificadas, recentes, diversificadas e com fácil acesso sobre saúde.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*O QUE É DITO E ESPERADO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA SAÚDE
PÚBLICA? – UM ESTUDO A PARTIR DA REVISTA RADIS*

da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (Ensp), vinculada à Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

A revista caracteriza-se por publicações mensais e de assinatura gratuita, sendo que todas as edições constam no sítio virtual, com a mesma forma editorial com a qual ela é oferecida em caderno. É importante destacar que não foi possível obter assinatura da publicação, tendo, assim, que recorrer a todas as revistas pelo sítio virtual para realização deste trabalho.

Sendo assim, na realização deste estudo busco um aprofundamento teórico sobre os principais conceitos que subsidiam esta análise, focando-me especialmente ao que apresento como ferramenta metodológica, tendo como base a análise das enunciações, a partir da perspectiva foucaultiana. Por fim, levanto algumas discussões frente ao que foi encontrado na pesquisa do estudo, dando atenção a duas matérias que identifico como as principais noções nas quais as publicações compreendem e anunciam como ação da Educação Física, sendo elas o sedentarismo e a inserção do “educador físico” nas políticas públicas de saúde.

TECENDO ALGUNS TRAJETOS

Para atingir o objetivo de minha pesquisa, utilizo como ferramenta metodológica a análise de enunciações, a partir da perspectiva foucaultiana. Vou apresentar aqui como “ferramenta metodológica” para me referir ao modo como procederei para desenvolver esta investigação, rejeitando me vincular a uma “metodologia”, uma vez que, como propõe Veiga-Neto (2005, p. 19), Foucault “nunca quis ser um modelo, (...) mas quis, sim que suas contribuições fossem tomadas como ferramenta”, assim, “significa que, a rigor, não existe algum método foucaultiano”. Procuro me direcionar à ferramenta metodológica aqui, então, como destaca Veiga-Neto (2005), com o significado

bem mais próximo ao sentido que lhe dava a escolástica medieval: algo como um conjunto de procedimentos de investigação e análise quase prazerosos, sem maiores preocupações com regras práticas aplicáveis a problemas técnicos, concretos. (p. 20)



Buscando compreender como Foucault aborda as enunciações, é necessário que percebamos outros conceitos, sendo como principal deles a linguagem, a partir de uma perspectiva Pós-Estruturalista. Para este ponto de vista, a linguagem não é natural, ela é produzida através das relações sociais, econômicas e políticas. Os autores vinculados a esta perspectiva não a consideram como inerente da condição humana, uma vez que a compreende como cultural e, assim, assumindo também que ela não tem uma estrutura básica e/ou fundante. A concepção Pós-Estruturalista, ao entender a linguagem como destituída de neutralidade, afirmam que a mesma é efeito de relações de poder. Ainda, entendem que a linguagem não representa nada, não é a elocução dos objetos, ou seja, as nomações das coisas são produzidas e não apenas representações das mesmas, elas não estão/são por si só ou independentes dos objetos que designam, toda uma cultura incidiu sobre tal objeto, em determinado tempo histórico, e, assim, foi produzida para tal nomação. Para tanto, as palavras são invenções de diferentes movimentos históricos e mesmo assim não é compartilhada por todos da mesma forma.

Venho nesta pesquisa trabalhar com a idéia de que a linguagem produz/busca produzir as coisas, ela tem poder de fazer com que as coisas ocorram ou não e, assim, as coisas ganham sentido. Em outras palavras, “aquilo que se diz está, sempre e inexoravelmente, condicionado pelo ato de dizer” (VEIGA-NETO, 2005, p. 109). Para Veiga-Neto (2005, p. 107), “Foucault assume a linguagem como constitutiva do nosso pensamento e, em conseqüência, do sentido que damos às coisas, à nossa experiência, ao mundo”.

Partindo desta noção de linguagem como prática que, então, muda-se a noção de conhecimento. Não se entende mais o conhecimento como algo natural e lógico, ele passa a ser o produto de discursos, são os discursos que produzem conhecimentos e verdades. A ‘verdade’ não está escondida nem a espera de ser descoberta, são as condições e possibilidades que produzem linguisticamente a emergência da ‘verdade’.

Veiga-Neto (2005, p. 112) coloca que os “discursos não são, portanto, resultado da combinação de palavras que representariam as coisas do mundo”, mas combinação de palavras com certa lógica interna que busca inventar/criar/definir coisas do mundo. Segundo Fischer (1996, p.102), para Foucault, “nada há por trás das cortinas,



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

***O QUE É DITO E ESPERADO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA SAÚDE
PÚBLICA? – UM ESTUDO A PARTIR DA REVISTA RADIS***

nem sob o chão que pisamos. Há discursos e relações, que o próprio discurso põe em funcionamento”, diante disto, entendo, então, que o discurso engendra realidade, ou seja, ele não “representa” o real, mas o produz.

A partir desta concepção de discurso, Fischer (1996, p. 196) afirma que, para

analisar os discursos, segundo a perspectiva de Foucault, precisamos antes de tudo recusar as explicações unívocas, as fáceis interpretações e igualmente a busca insistente do sentido último ou do sentido oculto das coisas, práticas bastante comuns quando se fala em fazer o estudo de um discurso. Para Michel Foucault, é preciso ficar (ou tentar ficar) simplesmente no nível de existência das palavras, das coisas ditas. Isso significa que é preciso trabalhar arduamente com o próprio discurso, deixando-o aparecer na complexidade que lhe é peculiar.

Adentramos, assim, ao foco da ferramenta metodológica desta pesquisa, os enunciados. Objetivamente, compreendo enunciado como um conjunto de saberes que possibilitam a condição de determinado discurso. Como retrata Foucault (2008, p. 90), enunciado é como unidade elementar do discurso, em que, à

primeira vista, o enunciado aparece como um elemento último, indecomponível, suscetível de ser isolado em si mesmo e capaz de entrar em um jogo de relações com outros elementos semelhantes a ele; como um ponto sem superfície mas que pode ser demarcado em planos de repartição e em formas específicas de grupamentos; como um grão que aparece na superfície de um tecido de que é o elemento constituinte; como um átomo do discurso.

Sendo, então, o discurso um conjunto de vários enunciados, dos quais retratam acontecimentos, condições, possibilidades, que vem, através da regularidade de uma prática, denotar uma formação discursiva. Assim, “o enunciado não é uma unidade do mesmo gênero da frase, proposição ou ato de linguagem: não se apóia nos mesmos critérios; mas não é tampouco uma unidade como um objeto material poderia ser, tendo seus limites e suas independências” (p. 97). Veiga-Neto (2005, p. 114) discorre sobre enunciado dizendo que

é um tipo muito especial de um ato discursivo: ele se separa dos contextos locais e dos significados triviais do dia-a-dia, pra construir um campo mais ou menos autônomo e raro de sentidos que devem em seguida, ser aceitos e sancionados numa rede discursiva, segundo, uma ordem – seja em função do seu conteúdo de verdade, seja em função daquele que praticou a enunciação, seja em função de uma instituição que o acolhe.

São os enunciados que regem o regime de verdade dos discursos, ou seja, é o enunciado que busca a verdade do discurso. Dispor-se a analisar os enunciados seria



buscar as condições e possibilidades que permitiram que determinado(s) enunciado(s) se produzisse(m). Para Veiga-Neto (2005, p. 122-123), nesta perspectiva,

o que assume importância maior não é perguntar se esse ou aquele enunciado satisfaz a algum critério de verdade, mas é, sim, perguntar sobre como se estabelecem esses critérios, sobre o que fazemos com esses enunciados, sobre o que pode haver fora do horizonte de formação discursiva em que operam esses enunciados, lá naquela área de sombra a que o filósofo denominou de *exterioridade selvagem*. Para Foucault, o que mais importa é perguntar sobre o que pode haver lá naquelas regiões de indecidibilidade.

Porém, trabalhar com a análise dos enunciados não é a proposta que trago neste momento, a este estudo. Venho, nesta pesquisa, até mesmo identificar os enunciados que se referem ao trabalho, mas o que proponho analisar são as enunciações.

Trabalhar com as noções de enunciações é trabalhar com a materialidade do que é dito na revista Radis, é apresentar exatamente o que está escrito nas matérias. Tomarei aquelas práticas muito concretas relacionadas à Educação Física, que estão “vivas” nos discursos das revistas.

Busco, através das enunciações, identificar o que está dito, desprovido de qualquer interpretação ou julgamento das verdades ali produzidas. Sendo importante denotar que isto não me impede de apresentar o movimento das indagações e problematizações que me fazem pensar para além desta pesquisa, partindo das subjetividades que me constituem como pesquisadora, desvinculando totalmente com o movimento de corroborar “intencionalidades” do que foi anunciado.

Sendo assim, as enunciações são a materialidade do enunciado. Procurando melhor visualizar este movimento, é necessário que nos direcionemos a Foucault (2008, p. 118), quando aponta que “enquanto uma enunciação pode ser *recomeçada* ou *reevocada*, enquanto uma forma (lingüística ou lógica) pode ser *reatualizada*, o enunciado tem a particularidade de poder ser *repetido*: mas sempre em condições estritas”.

Assim como já foi referido, analisar os enunciados não será a proposição deste estudo, uma vez que para este movimento de pesquisa seria necessário o meu deslocamento da revista para emergir aos campos que amparam tais enunciados, ou seja, emergir nos contextos culturais, históricos, contextos que dão condições e possibilidades para que estes enunciados sejam constituídos.



ALGUNS MOVIMENTOS DE PESQUISA: ENUNCIÇÕES ACERCA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA REVISTA RADIS

Logo no começo, quando dei início ao processo de construção do projeto de pesquisa, uma grande problemática me cercava: o que delimitar como referência para identificação de que tais enunciados grifavam as demandas sobre a Educação Física na sua intervenção na saúde pública? Ou mais tensionado era quando eu tentava delinear alguns termos e, então, questionava: mas e porque estes e não outros?

Passei a pensar se tais angústias não faziam parte do “lugar”⁴ de onde falo. E, então, aquilo que já tinha lido no trabalho de Alex Branco Fraga (2006) me faz refletir e entender tal dificuldade. O autor coloca que a

operação torna-se ainda mais complicada quando o tema a ser tratado está muito arraigado à formação do pesquisador e é tido como cláusula pétrea de seu campo de atuação. Para problematizar algo assim é preciso enveredar pela aridez de seu terreno a ser investigado, dobrar-se sobre a própria trajetória, singularizar o próprio caminho, apontar as linhas de conexão que transformaram um tema genérico em um objeto de pesquisa específico (p. 9-10).

Torno, então, a me questionar: por que delimitar? Não estaria, assim, definindo o que EU considero como demanda da Educação Física? Sim, existe o medo das surpresas, do que não é previamente ponderado, mas não seria a melhor escolha deixar livre para que o campo me indique o que há por vir?

Assim, me direciono à Veiga-Neto (2005) e passo a trabalhar minha ferramenta metodológica como um “conjunto de procedimentos de investigação e análise quase prazerosos, sem maiores preocupações com regras práticas aplicáveis a problemas técnicos, concretos” (p. 20).

Desta forma se deu minha análise das revistas, lendo e deixando emergir o que ali estava. Muitas coisas foram destacadas e somente ao fim da leitura de todas as

⁴ Aqui me refiro ao “lugar” de onde eu falo, a partir de todo processo que me constitui, do que trago como especificidade, das minhas concepções e conhecimentos.



revistas, após todos os dados compilados, analisados, debatidos, que foi possível delimitar o que aquelas publicações compreendiam e anunciavam como ação da Educação Física.

Muitas coisas foram destacadas, das quais na monografia são denotadas, porém se tratando deste artigo busco seguir aquilo que defini no meu objetivo, deparei-me com duas noções que considere importantes, ou seja, pontos chave para a resposta de minhas “questões norteadoras”, como referencio no início do estudo, sendo: o sedentarismo e a inserção do ‘educador físico’ nas políticas públicas de saúde.

Estas duas noções estão claramente evidenciadas em duas publicações específicas, em que uma delas está presente na revista Radis de nº 96, do mês de agosto do ano de 2010. A matéria se apresenta na revista dentro da sessão *Súmula*, intitulada por “Sedentarismo entre os brasileiros”. Tal publicação vem apresentar uma pesquisa realizada pela UFPel, tendo como autoria um “educador físico”, em que avaliou jovens de 14 a 15 anos e concluiu que aproximadamente “um terço dos adolescentes brasileiros está acima do peso e apenas 48% praticam os 300 minutos de atividade física semanal recomendados pela OMS” (p. 5).

Podemos, nesta matéria, assumir como enunciações que caracterizam o enunciado sedentarismo, seja em sua apresentação através do título “Sedentarismo entre os brasileiros”, quando traz um estudo do Ministério da Saúde que retrata que “o sedentarismo não se restringe apenas aos jovens”, mas principalmente quando o próprio autor, um ‘educador físico’, anuncia como causa de suas conclusões o fato de que “os jovens priorizam atividades sedentárias”.

Para entender como estas enunciações compreendem e anunciam como ações da Educação Física, apresento aqui dados da conclusão do estudo, ao afirmar que “apenas 48% praticam os 300 minutos de atividade física semanal recomendados pela OMS”, ou, também, ao trabalhar com as atividades desenvolvidas pelos jovens, o texto se refere à “atividade de lazer”, “caminham ou vão de bicicleta a escola”. Diante disto, trago as demandas da Educação Física muito arraigada à atividade física, mas que atividade física é esta? Um combate ao sedentarismo?



Os termos atividade física e sedentarismo, em grande parte, parecem se confundir e se relacionam diretamente, com a dicotomia entre movimento e não-movimento, construindo uma relação direta que traça um binarismo entre tais termos.

Ao discorrer sobre a matéria da revista Radis nº 96, são apontadas algumas causas motivadoras ao sedentarismo destes jovens, citando “o hábito de assistir TV ou usar o computador por tempo demais até a falta de segurança para brincar na rua” (p. 5). Outros dados citados é o fato de a pesquisa apresentar que “75% dos adolescentes fazem alguma atividade de lazer e 73% caminham ou vão de bicicleta a escola. Ainda assim, as ações juntas não alcançam o mínimo de exercício recomendado” e o autor justifica dizendo que “os jovens priorizam atividades sedentárias. Eles estão acima do peso e ficam, em média, quatro horas por dia em frente à TV, ao videogame ou ao computador, enquanto se dedicam menos de uma hora por dia para os exercícios” (p. 5).

Problematizando algumas questões, procuro aqui debater a forma com a qual o sedentarismo tem sido tomado como ‘risco’ a vida, perquirindo suas causas em prol de algo a ser combatido. Há uma necessidade constante na busca do ‘controle’ deste risco, aludindo principalmente ao disciplinamento em prol da atividade física. Trago o estudo de Palma (2009, p.187-188), que afirma:

Para o conhecimento científico, a tarefa de identificar causalidades faz parte da estrutura explicativa, que busca estabelecer as origens dos fenômenos. Na medida em que se acredita que a intervenção sobre uma causa poderia alterar o curso do efeito, desvendar essa mesma causa passaria a ser, então, um procedimento eficaz para se alcançar maior saber específico sobre uma dada situação de saúde.

[...]

A causalidade entre “sedentarismo” e doença cardiovascular é um bom exemplo, uma vez que, nem todos os “sedentários” manifestarão tal patologia e, ao mesmo tempo, é esperado que parte deles desenvolva a doença. Nesse sentido, tem sido incorporada a noção de risco.

Seguindo as enunciações denotadas, quando no estudo é apontado que “75% dos adolescentes fazem alguma atividade de lazer e 73% caminham ou vão de bicicleta a escola”, estas atividades de lazer teriam como princípio a atividade física? O que seriam essas atividades de lazer? Ainda, quando afirmam que “as ações juntas não alcançam o mínimo de exercício recomendado”, volto a problematizar questões que me parecem ‘generalistas’, se atentarmos aos dados percentuais identificamos o quão significativos são, pois muito mais da metade dos adolescentes pratica alguma



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*O QUE É DITO E ESPERADO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA SAÚDE
PÚBLICA? – UM ESTUDO A PARTIR DA REVISTA RADIS*

atividade, porém, destaca que “não é a recomendada”. Mas e as outras atividades que os indivíduos desenvolvem no seu cotidiano? Realizadas em casa, na escola? Enfim, outras ações que são singulares de cada indivíduo, tais atividades são consideradas? Segundo Palma (2009, p. 187)

Não se reflete, por exemplo, sobre as novas tecnologias que poderiam contribuir para redução da atividade física no trabalho, no transporte ou nas rotinas domésticas entre os adultos e que estão atreladas, por vezes, às exigências de maior produtividade ou às reivindicações de conforto. Igualmente, não se discute com propriedade as razões da redução do número de aulas de educação física entre as crianças; se é uma demanda do próprio jovem ou, ao contrário, a falta de incentivo da escola, preocupada, muitas vezes, com desempenhos acadêmicos com vistas ao possível sucesso profissional. Tampouco, se tem debruçado sobre o amplo leque de possibilidades que, atualmente, as pessoas têm no âmbito do lazer. Decerto, as opções de lazer cresceram e as “fatias” de cada opção haveria de se reduzir.

De maneira nenhuma é meu objetivo negar benefícios e importância da atividade física, mas questiono e problematizo algumas práticas construídas e, assim, instituídas, sem pensar em outras vertentes que são totalmente singulares e, em grande maioria, significativas.

Ainda, a matéria traz um estudo no qual foi

divulgado pelo Ministério da Saúde, Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel) 2009, mostrou que, no Brasil, o sedentarismo não se restringe apenas aos jovens, já que apenas 14,7% dos adultos praticam alguma atividade física no tempo livre e com a regularidade necessária (RADIS, 2010, nº 96, p. 5).

O estudo apresenta o dado de realização da atividade física no tempo livre, mas e no tempo ‘não livre’? Mas e o que seria esse tempo livre? Ainda, outra questão que trago para ser pensada é da responsabilidade do indivíduo na realização da atividade física “com a regularidade necessária” E neste ‘tempo livre’. Voltando a citar Palma (2009, p. 187), quando afirmaque

A conotação moral das informações é colocada sobre a ideia subliminar de que são os próprios sujeitos responsáveis pelo que se acredita ser um baixo envolvimento com as atividades, deixando-se de lado qualquer contextualização que abranja as novas tecnologias, o processo e organização do trabalho, a violência urbana ou qualquer outro aspecto oculto deste fenômeno.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*O QUE É DITO E ESPERADO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA SAÚDE
PÚBLICA? – UM ESTUDO A PARTIR DA REVISTA RADIS*

Trago tais questões para que possamos repensar demandas que têm permeado as verdades construídas em torno do sedentarismo. Uma vez este enunciado tendo emergido na pesquisa, proponho refletir como viemos pensando e trabalhando estas demandas na Educação Física, mais especificamente na Saúde Pública. Se referindo à Lupton, Palma (2009, p. 189) afirmo que

A autora lembra, porém, que os discursos e práticas, de caráter biomédico, presentes na saúde pública criam objetos e campos de interesse (doenças, sofrimentos, pacientes, medicamentos, técnicas de reabilitação ou restauração, etc.) que ajudam a constituir e regular os fenômenos como “normais”, de “risco” e “saudáveis” e, desta forma, como um sistema moral, esboça distinções entre os “bons” ou “maus” pacientes. Neste sentido, talvez seja imperativo questionar se as escolhas de um comportamento dito sedentário são possíveis ou desejáveis; ou ainda se estas atitudes são manifestações de reação à precariedade da vida, isto é, modos de se defender frente à intensificação dos desgastes físicos do dia-a-dia buscando se recuperar e descansar; ou mesmo quando se trata de um estilo de conduzir a vida que proporciona prazer e desafia a própria saúde ou a vida.

Dando continuidade a outras demandas evidenciadas na pesquisa, outra matéria se encontra na revista Radis número 98. O que trago para discussão é um subtítulo da matéria maior. A publicação retrata o 9º Congresso da Rede Unida, e está intitulada como ‘Educação Permanente no SUS’, em que “o evento destaca a atenção básica e formação técnica, entre os temas dos relatos voltados à qualificação profissional em saúde”.

O subtítulo que trago para discussão está intitulado como ‘Atenção básica’, que busca discutir o papel das equipes matriciais e multidisciplinares. A partir da interdisciplinaridade, o trabalho é apresentado por um educador físico, que tem como título “Academia carioca da saúde”. O estudo “faz parte da Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil do Rio de Janeiro, por meio de sua Superintendência de Promoção da Saúde” e apresenta um projeto iniciado em dezembro de 2009, que possui 20 academias, criadas nas clínicas e unidades de saúde, em que atende várias faixas etárias e necessidades específicas de saúde. Buscando denotar a eficácia do projeto, o autor anuncia que iniciou com 300 participantes e, no momento, contavam com 1.300 (RADIS, 2010, nº 98, p. 16).

Conversando com os objetivos deste estudo, identifiquei demandas que possibilitam responder minhas questões norteadoras. Quando questiono: “De que



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*O QUE É DITO E ESPERADO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA SAÚDE
PÚBLICA? – UM ESTUDO A PARTIR DA REVISTA RADIS*

maneira essas publicações posicionam a Educação Física nas Políticas Públicas de Saúde desenvolvidas no Brasil?”, podemos identificar o enunciado referente à inserção do ‘educador físico’ nas políticas públicas de saúde. Ao discorrer sobre o trabalho, o autor salienta os vínculos formados entre o ‘educador físico’ e o SUS, demonstrando que “os participantes precisam pertencer a um grupo específico da unidade, seja da nutrição, da saúde mental, entre outros”, enfatiza que “os professores são contratados pelo Nasf⁵, entendendo que educador físico faz parte de uma equipe de apoio”, destacando que “não pertencemos a equipe de saúde da família” (RADIS, 2010, nº 98, p. 16). Neste momento, a publicação deixa muito claro de que maneira o ‘educador físico’ está inserido no Sistema Único de Saúde.

Seguindo na matéria publicada, ao se referir ao projeto “Academia carioca da saúde”, a publicação afirma que

os praticantes preenchem uma ficha com dados pessoais, familiares e história clínica, e os educadores físicos fazem uma avaliação antropométrica e funcional, prescrevendo os exercícios de acordo com a especificidade de cada praticante. É realizado o acompanhamento da pressão arterial pré e pós atividade, além da glicemia para os diabéticos. “Depois de dez meses de trabalho, percebemos efeito hipotensor do exercício, ou seja, redução da pressão arterial, além da redução do índice de massa corporal” (RADIS, 2010, nº 98, p. 16).

Nessas enunciações verifico de que maneira essas publicações compreendem e anunciam como ação da Educação Física na Saúde Pública, tais como: “os educadores físicos fazem uma avaliação antropométrica e funcional”, “acompanhamento da pressão arterial pré e pós atividade, além da glicemia para os diabéticos”, “percebemos efeito hipotensor do exercício, ou seja, redução da pressão arterial, além da redução do índice de massa corporal”. Tais enunciações produzem regimes de verdades a partir de um discurso científico-biológico.

Para tanto, trabalho com o enunciado que contempla uma de minhas questões norteadoras, denotando de que maneira as publicações pesquisadas na revista Radis posicionam a Educação Física nas Políticas Públicas de Saúde desenvolvidas no Brasil. E contempla, também, conjuntamente com o enunciado do Sedentarismo, o objetivo

⁵O Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) é constituído por equipes profissionais, das mais diversas áreas, inclusive, o Profissional de Educação Física, que trabalham adjacente aos profissionais das Equipes de Saúde da Família (ESF).



geral de minha pesquisa, entendendo que as enunciações encontradas compreendem e anunciam como ação da Educação Física na Saúde Pública verdades referentes a uma determinação biológica. Retomo o fato de que não venho negar esta ação científico-biológica, mas proponho pensar a possibilidade de não apenas estas verdades, mas porque não outras também?

CONCLUSÃO

Não tenho como intuito, advogar em prol ou contra as enunciações aqui problematizadas, nem mesmo estabelecer julgamento dentre as demandas conduzidas e atreladas aos mesmos. Proponho algumas problematizações para refletir acerca de discursos e verdades que vêm sendo construídos no campo da Educação Física no âmbito da Saúde Pública.

Em meu estudo identifico dois enunciados que trago como centro para discussão, sendo eles o do Sedentarismo e o da inserção do ‘educador físico’ nas Políticas Públicas de Saúde do Brasil. Assim, acredito que através de minha análise pude identificar nos dois enunciados a ação da Educação Física muito arraigada a demandas científico-biológicas. Identifico no enunciado do Sedentarismo, principalmente, a produção do binarismo ‘sedentarismo X atividade física’, negativando o primeiro e positivando o segundo. No enunciado referente à inserção do ‘educador físico’ nas Políticas Públicas de Saúde, ao se referir à atuação do profissional de Educação Física, enunciações como “os educadores físicos fazem uma avaliação antropométrica e funcional”, “acompanhamento da pressão arterial”, “efeito hipotensor do exercício”.

Dialogando com uma de minhas questões norteadoras, a partir de como estas enunciações compreendem e anunciam como ações da Educação Física, denoto que a pesquisa corresponde a uma ação em prol da atividade física. Atividade física que está fortemente ligada ao combate do sedentarismo, à causa e aos riscos que determinam problemas de saúde, à promoção de saúde. E, ainda, correspondendo a minha outra questão norteadora, em que busco compreender de que maneira essas publicações



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*O QUE É DITO E ESPERADO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA SAÚDE
PÚBLICA? – UM ESTUDO A PARTIR DA REVISTA RADIS*

posicionam a Educação Física nas Políticas Públicas de Saúde desenvolvidas no Brasil, ao afirmar que “os professores são contratados pelo Nasf, entendendo que educador físico faz parte de uma equipe de apoio”.

A partir disto, percebe-se que a Educação Física é considerada uma área importante da Saúde Pública, tanto no âmbito da pesquisa como no da intervenção. Porém, os vínculos e demandas estabelecidas para a Educação Física necessitam ser constantemente problematizadas, visando outras perspectivas que não apenas as de determinação biológicas.

Diante do que encontro como resposta ao meu problema de pesquisa, diferente do que possa parecer, não venho aqui negar a instância do saber científico-biológico, mas questionar porque apenas este saber? Por que não esta, mas também outras vertentes?

REFERENCIAL

BRASIL. Projeto de Lei N.º 1.266-B de 2007. Brasília: Câmara dos Deputados, 2007.

CASTRO, Edgardo. Vocabulário de Foucault - um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FISCHER, R. M. B. Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade. Porto Alegre: Tese de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Educação, FAGED/UFRGS, 1996.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FRAGA, Alex Branco. Exercício da informação: o governo dos corpos no mercado da vida ativa. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

FRAGA, A. B *et al.* “Sedentarismo é...”: Concepções de praticantes de caminhada e a medicalização das práticas corporais. In: FRAGA, A. B *et al.* Políticas de lazer e saúde em espaços urbanos. Porto Alegre: Gênese, 2009.

PALMA, A. Educação Física, Corpo e Saúde: uma reflexão sobre outros “modos de olhar”. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas - SP: Autores Associados, v 22, n 2, jan 2001. p. 23-39.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*O QUE É DITO E ESPERADO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA SAÚDE
PÚBLICA? – UM ESTUDO A PARTIR DA REVISTA RADIS*

_____. Exercício Físico e Saúde; Sedentarismo e Doença: Epidemia, Causalidade e Moralidade. Revista Motriz: Rio Claro, v. 15 n.1 p.185-191, jan./mar. 2009.

VEIGA-NETO, A. Foucault & a Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, 192 p.

Revistas Radis Comunicação em saúde. Rio de Janeiro: Ensp/ FIOCRUZ, nº 96, nº98, 2010.

Recebido em: 02/04/2012
Aprovado em: 10/05/2012